

Coro Gulbenkian

Inês Tavares Lopes
Raquel Reis
Sérgio Silva



31 dez 23

31 dez 23 DOMINGO 17:00

IGREJA DE SÃO ROQUE

Coro Gulbenkian

Inês Tavares Lopes Direção

Raquel Reis Violoncelo

Sérgio Silva Órgão

Felix Mendelssohn-Bartholdy

Singet dem Herrn ein neues Lied, op. 91/1

Die Deutsche Liturgie

Kyrie – Ehre sei Gott in der Höhe (Gloria) – Heilig (Sanctus)

Johann Sebastian Bach

Lobet den Herrn, alle Heiden BWV 230

Arioso, da cantata BWV 156 (org e vlc)

Johann Christoph Bach

Ich lasse dich nicht

François Couperin

Messe pour les couvents

Gloria: Domine deus (org)

Felix Mendelssohn-Bartholdy

Te Deum, a oito vozes

Johann Sebastian Bach

Ich ruf zu dir, Herr Jesu Christ BWV 639 (org)

Johann Sebastian Bach

Singet dem Herrn ein neues Lied BWV 225

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 60 min.

CONCERTO SEM INTERVALO

A visão que a História da Música Ocidental tem de Johann Sebastian Bach (1685-1750), e do seu lugar cimeiro muito para além do período Barroco, tem origem no entusiasmo contínuo de Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809-1847) na redescoberta e divulgação da obra do *Kantor* de Leipzig. Ambos os compositores fizeram da música sacra um terreno fértil, na sua dupla dimensão de músico e crente, expressando-se num idioma impregnado de profundo lirismo.

Em novembro de 1842, Mendelssohn aceitou o convite para ocupar o cargo de Diretor-Geral de Música Religiosa e Sacra da Corte da Prússia, tendo-lhe sido confiada a direção do coro e orquestra da catedral de Berlim. Em 1844, ano em que se desvincularia do cargo, escreveu o salmo *Singet dem Herrn ein neues Lied*. De uma solenidade pétreia e harmonicamente luxuriante, o salmo 98 está dividido em três seções, em crescendo telúrico até ao fugato final. Por oposição, *Die Deutsche Liturgie* apresenta uma linguagem musical eminentemente silábica, assente num diálogo antifonal para duplo coro. Composta em 1846, igualmente para Berlim, compreende as partes do ordinário do Serviço protestante, de acordo com a reforma introduzida em 1829. Dos 10 andamentos originais, ouvir-se-ão o terceiro o quarto e o décimo. Em finais de 1832, na esperança de ser nomeado maestro da Berliner Singakademie, facto que não viria a acontecer, Mendelssohn escreveu um pequeno conjunto de obras com uma dupla função: serem funcionais num contexto sacro e em sala de concertos. O hino *Te Deum*, na versão do texto em alemão, faz parte desse conjunto.

Os motetes de J. S. Bach ocupam, no *corpus* de música sacra escrita pelo compositor em Leipzig, uma posição particular. Ao contrário das cantatas, cuja composição e *performance* faziam parte dos seus deveres enquanto *Kantor*, os motetes foram escritos por encomenda, para ocasiões específicas. O motete *Singet dem Herrn* é tradicionalmente associado às festividades promovidas a 12 de maio de 1727, por ocasião do aniversário de Augustus II (1670-1733), Rei da Polónia e Eleitor da Saxónia. Estudos recentes apontam, contudo, que o motete terá sido escrito em memória da mulher do monarca, Christiane (1671-1727). Tendo-se recusado a abjurar a Fé luterana (condição essencial para poder ser coroada rainha), vivera no exílio durante 30 anos, morrendo em 1727, rodeada de uma aura de mártir luterana. Fazendo uso dos versículos 1-3 do salmo 149, o primeiro andamento começa com o imperativo *Singet* [cantai] e os melismas ascendentes, opondo texturas polifónicas a seções dialogantes e terminando na fuga *Die Kinder Zion* [Os filhos de Sião]. O segundo andamento, de carácter contemplativo, alterna um coral *Wie sich ein Vater erbarmet* [Tal como um pai é misericordioso], no segundo coro, retirado do hino *Nun lob', mein'Sell', den Herren* [Que a minha alma louve o Senhor], de Johann Gramann (1487-1541) e uma ária, *Gott, nimm dich ferner unser an* [Deus, continua a zelar por nós], de autor anónimo, no primeiro coro. O terceiro andamento, com os versículos 2 e 6 do salmo 150, retoma o ambiente inicial, terminando com uma virtuosística fuga *Alles, was Odem hat, lobe den Herrn* [Todos aqueles que respiram louvem o Senhor].

O motete ***Ich lasse dich nicht*** tem o seu texto retirado do Génesis, 32:26, e da terceira quadra do hino *Warum betrübst du dich* [Porque estais triste] de Erasmus Alberus (1500-53). O coro invoca, incessantemente, a bênção divina *Não Vos deixarei partir sem a Vossa bênção, meu Jesus*, primeiro de forma serena, seguida de uma secção contrapontística, dominada pelo coral *Dir, Jesu, Gottes Sohn* [Para Vós, Jesus, Filho de Deus], melodia de Bartholomäus Monoetius (séc. XVI) e texto de Hans Sachs (1494-1576), entoado pelos sopranos. O coral final, cópia do coral BWV 421, foi adicionado em 1802 por Johann Schicht (1753-1823). A autoria deste motete é motivo de aceso debate. Tradicionalmente atribuído a Johann Christoph Bach (1642-1703), organista da igreja de São Jorge, músico da *Kapella* da Corte de Eisenach e primo paterno de Johann Sebastian, a redescoberta do *Altbachisches Archiv* em 1999, coletânea de obras vocais da família Bach, dada como desaparecida depois da II Guerra Mundial, implicou reequacionar esta atribuição. É hoje tido como provável que o motete foi escrito por Bach, c.1712-13, período em que o compositor estava ao serviço da Corte de Weimar. Também o prelúdio coral ***Ich ruf zu dir, Herr Jesu Christ*** [Ouvi, Senhor, o meu lamento] data desse mesmo período, fazendo parte do *Orgelbüchlein*, coletânea de obras para órgão. Destinados a serem executados em diversos momentos da Liturgia Luterana, os prelúdios corais são um testemunho íntimo da Fé de Bach e do seu virtuosismo

como organista. Apesar da ausência óbvia do texto, pressente-se uma força indizível à mensagem de cada coral vertido em música. Já o ***Arioso*** da cantata BWV156 simboliza a vida eterna depois da morte e parafraseia o coral *Machs mit mir, Gott, nach deiner Güt* [Faça-se em mim, segundo a tua vontade] de Johann Hermann Schein (1586-1630).

Particularmente apreciado por Bach, François Couperin (1668-1733) foi o compositor francês para tecla mais conceituado do seu tempo. A copla ***Domine Deus Rex coelestis*** [Senhor Deus, Rei dos Céus] faz parte da ***Messe pour les couvents*** (1690), a primeira obra de Couperin a ser publicada. Consiste numa série de prelúdios, versos e coplas para órgão, servindo como introduções ao cantochão em uso na liturgia dos cenóbios franceses.

Por fim, o motete ***Lobet den Herrn***, publicado em 1821 como sendo de Bach mas hoje considerado como obra espúria. Fazendo uso dos versículos 1-2 do Salmo 117, está dividido em três secções distintas: uma primeira, virtuosa, em que as tríades iniciais ascendentes, sobre a palavra *Lobet*, são uma figura de retórica musical representando a Santíssima Trindade; uma secção intermédia, repleta de jogos contrapontísticos sobre valores musicais longos, aludindo à eternidade, *Ewigkeit*; e uma esfuziante fuga conclusiva, sobre a palavra *Halleluja*.

JOSÉ BRUTO DA COSTA

Inês Tavares Lopes Mestre em Direção Coral pela Escola Superior de Música de Lisboa, estudou direção coral com os maestros Paulo Lourenço, Eugene Rogers, Cara Tasher, Stephen Coker e Brett Scott, e canto com Isabel Alcobia, Ângela Silva, Joana Nascimento, Geert Berghs, Jill Feldman e Rita Marques. Lecionou no Conservatório de Música e na Escola Profissional da Metropolitana, bem como na Academia Nacional Superior de Orquestra. De 2015 a 2017, ocupou o cargo de monitora na Escola Superior de Música de Lisboa, onde lecionou as disciplinas de coro, técnicas de direção coral, técnica vocal e conjuntos vocais e instrumentais. Maestra fundadora do Ensemble Vocal Desafinados (2012) e do Coro Juvenil da AMAL (2017), foi também membro do Tenso Europe Chamber Choir, em 2013 e 2014. Entre 2013 e 2019, integrou o Coro Gulbenkian, colaborando também como ensaiadora. Como cantora, participa em projetos com os agrupamentos Officium Ensemble, Voces Caelestes, Ludovice Ensemble, Capella Patriarchal, Ensemble MPMP, ECCE Ensemble, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e Polyphonos Ensemble. Em 2020 tornou-se diretora artística do Ensemble Vocal Aura, projeto dedicado exclusivamente a vozes femininas. Em setembro de 2021, assumiu o cargo de Maestra Assistente do Coro Gulbenkian.

Raquel Reis estudou com Isabel Boiça no Conservatório de Música de Aveiro Calouste Gulbenkian e concluiu a licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, na classe de violoncelo de Paulo Gaio Lima. Recebeu primeiros prémios no Concurso de Interpretação das Caldas da Rainha, no Samuel and Elinor Thaviu Endowed Scholarship Competition in String Performance (Northwestern University)

e no Winnetka Music Club Scholarship. Em 2007 concluiu o Mestrado em *String Performance* na Northwestern University School of Music, em Chicago, com Hans Jensen. Foi bolsreira da Fundação para a Ciência e Tecnologia e da Fundação Calouste Gulbenkian. Raquel Reis integrou a Orquestra Juvenil da União Europeia e a orquestra Spira Mirabilis e apresentou-se a solo com a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Académica Metropolitana e a Orquestra Clássica de Espinho. Com o Trio Pessoa gravou o CD *Pessoa*, dedicado à música portuguesa. Gravou também o CD *Mundo Grande*, de música luso-brasileira. Integra a Orquestra Gulbenkian desde setembro de 2007.

Sérgio Silva é Mestre em Música, ramo de interpretação (órgão), pela Universidade de Évora. Começou por estudar órgão no Instituto Gregoriano de Lisboa, sob a orientação de João Vaz na disciplina de órgão e de António Esteireiro em acompanhamento e improvisação. Para além dos seus estudos regulares, teve oportunidade de contactar com diversos organistas de renome internacional, tais como, José Luiz González Uriol, Luigi Ferdinando Tagliavini, Jan Willem Jansen, Michel Bouvard, Kristian Olesen e Hans Ola Ericsson. Como concertista, apresenta-se regularmente, tanto a solo como integrado em diversos agrupamentos nacionais de prestígio, tendo atuado em Portugal, Espanha, Itália, Inglaterra, França, Alemanha e Macau. Enquanto investigador, tem realizado várias transcrições modernas de música antiga portuguesa. Atualmente desempenha as funções de docência de órgão no Instituto Gregoriano de Lisboa e na Escola de Música Sacra de Lisboa e é organista titular da Basílica da Estrela e da Igreja de São Nicolau (Lisboa).

Coro Gulbenkian Foi fundado em 1964 e conta atualmente com cerca de 100 cantores. Atua em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos e também *a cappella*. Para além das apresentações regulares na Fundação Gulbenkian e das digressões em Portugal, apresentou-se em numerosos países e prestigiosos palcos em todo o mundo. Interpretou, em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros e é um convidado regular de prestigiadas orquestras mundiais.

Gravou um repertório diversificado para várias editoras discográficas, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XXI. Algumas destas gravações receberam prémios internacionais, tais como, o Prémio Berlioz da Academia Nacional Francesa do Disco Lírico, o Grand Prix International du Disque da Academia Charles Cros e o Orphée d'Or. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. As funções de Maestro Adjunto e de Maestra Assistente são atualmente desempenhadas por Jorge Matta e Inês Tavares Lopes.

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

GULBENKIAN.PT